

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Barata Mercantil Class.: Kaiapó  
 Data 16/06/93 Pg.: 13

DESENVOLVIMENTO

Índios descobrem o mercado e mostram que são iguais ao resto da humanidade

da The Economist

Perambulando pelos doces bosques em torno de Concord, Massachusetts, o jovem Thoreau maravilhou-se com o esplendor dos lugares inexplorados da Terra e a superioridade dos homens selvagens que os habitavam. O selvagem era um "habitante da natureza, e não seu convidado, usando-a à vontade, graciosamente". Um mergulho nos sertões do Maine azeudou Thoreau. Ele achou que os índios do Maine eram uns camaradas "sintros e indolentes", sua comunhão com a natureza, "grosseira e imperfeita".

Um século e meio depois, outros também estão pensando mais uma vez. A sabedoria convencional costumava dizer que os povos indígenas cuidavam melhor da terra virgem que os exploradores que a haviam arrebatado deles. Alguns destes povos nativos se beneficiaram com a ansiedade mundial acerca de suas terras intocadas, porque isto levou seus governos a reservar amplas áreas para eles. "Os índios são a voz da terra", disse Marcos Terena, um articulado índio brasileiro que liderou os índios durante a cúpula ambiental do ano passado, no Rio de Janeiro.

Mas, uma vez que a luta pela terra esteja ganha, diz Donna Lee Van Cott, uma especialista em assuntos indígenas do Inter-American Dialogue de Washington, DC, os índios não querem que lhe digam o que fazer com seu território. Penosamente, o movimento verde está aprendendo uma verdade óbvia:



Marcos Terena

os índios são exatamente como o resto da humanidade.

FERRAMENTAS E DINHEIRO

Se eles trilham a terra do modo mais suave, é menos por causa de sua virtude natural de que pelo fato de serem menos numerosos e de terem menos meios com que agredi-la. Alguns grupos de índios brasileiros são constituídos por menos de mil membros, a maior parte deles inocente sobre a moderna tecnologia. Dêem-lhes ferramentas e dinheiro, e eles também poderão poluir sua parte do planeta.

Os índios descobriram não apenas armas de fogo e "água de fogo", ou aguardente, mas um encorajamento até mais poderoso à sua auto-expressão: o mercado. Tome os kayapo, atraentes guerreiros da bacia do Xingu. Em 1989 eles se besuntaram com pinturas de guerra para protestar contra a construção de uma barragem hidroelétrica

no Amazonas. Eles ganharam aliados em muitos lugares; uma estrela do rock, Sting, atravessou o mundo discursando a seu favor. Agora eles têm sua própria reserva e contratos para a venda de seus óleos e essências silvestres a companhias ambientalmente corretas, tal como a Body Shop, uma cadeia de cosméticos.

Mas a terra dos kayapo também é rica em ouro e mogno, e eles estão recorrendo a estes tesouros vigorosamente. As vendas são sólidas: cerca de US\$ 33 milhões apenas em mogno em 1988. Infelizmente, os kayapo não são bons de conta nem de poupança. O dinheiro é quase sempre embolsado pelos chefes que o gastam em ranchos, carros e aeroplanos ou discotecas. Em 1988 a vila de Kikretum coletou US\$ 1 milhão em madeira e subvenção de minerais, mais ainda assim um quarto de suas crianças morre na infância.

Sob pressão para parar com a derrubada de árvores, 66 kayapo desabaram tempestuosamente em Brasília em fevereiro, com um ultimato para o governo brasileiro. Este deveria, diziam eles, permitir que a tribo continuasse derrubando suas florestas, ou pagar US\$ 50 mil por vila a cada mês pelas vendas de madeira esquecidas. O governo, que está quebrado, não pagou; as árvores dos kayapo continuam a cair.

Os kayapo não estão sozinhos. Em 1989 os guajajara do Nordeste do Brasil capturaram alguns agentes do governo, numa tentativa de levar o governo a lhes con-

ceder permissão para a derrubada. Um grupo de nambiqwara, de Mato Grosso, após arrasar sua própria madeira de lei, começou a invadir a dos vizinhos. Os kaxarari do Acre entraram em atrito com a agência ambiental do Brasil e com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que haviam fornecido dinheiro para a preservação das terras indígenas ao longo de uma importante rodovia, quando eles começaram a derrubar sua própria reserva.

EMBARAÇOS

É uma época embaraçosa para o movimento verde. "Estamos atravessando uma fase de desencantamento", diz um dos defensores dos direitos dos índios. A maioria dos ambientalistas quer falar discretamente sobre índios ecologicamente incorretos, enquanto os conduz para atividades que permitam explorar a floresta sem danificá-la. Os kayapo serão encorajados a vender mais óleo extraído das castanhas-do-pará e a usar sua sabedoria milenar para replantar mogno. A Body Shop manteve seus contratos com eles, mas tomou cuidado para se distanciar do desflorestamento feito pela tribo.

"Quero reconciliar os interesses dos índios com o ambiente", diz David Atkinson, diretor do BID no Brasil. Alguns anos atrás, não se imaginaria que tal reconciliação fosse necessária. Agora é um dos objetivos dos ambientalistas. Talvez, em algumas partes do território índio, um objetivo bem transitório.